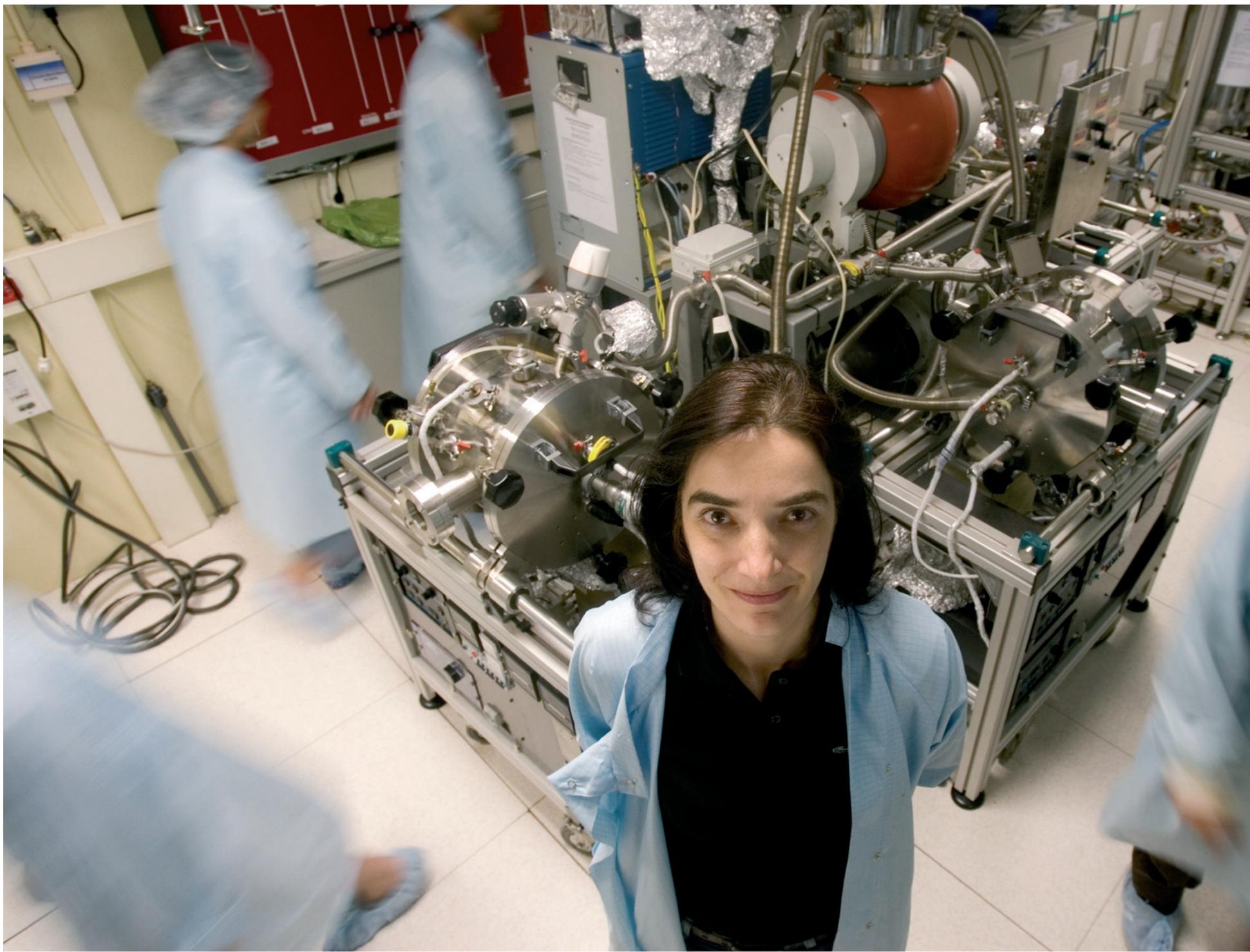


PROJETO 20+20



Debate Há uma polémica sem sentido sobre os financiamentos à investigação que não pode ser utilizada pelas empresas

Entre ciência fundamental e aplicada não há fronteiras

Texto **VIRGÍLIO AZEVEDO**

O debate sobre o peso que deve ser dado pelas políticas públicas aos apoios à investigação fundamental ou aplicada tem sido recorrente desde que começou a crise em Portugal,

devido ao papel que a ciência deve ter no desenvolvimento das empresas.

O confronto parece, no entanto, sem sentido. Como explica ao Expresso Miguel Seabra, presidente da Fundação para a Ciência e Tecnologia, “este debate foi uma consequência da crise, que condicionou o discurso político”. Na verdade, “o processo de investigação é contínuo e há demasiado ênfase naquilo que o separa”. É como um rio, “onde o estuário representa a aplicação direta nas empresas e na sociedade, mas não nos podemos concentrar no estuário sem tratar da nascente”.

A ciência fundamental “deve ser o mais forte possível e a aplicada tam-

bém, no sentido de contribuir para a valorização económica do conhecimento e para o aumento da competitividade das empresas portuguesas”. O problema é que “em Portugal temos focos de excelência na ciência fundamental, mas na aplicada estamos mais atrasados, como é visível no número de doutorados a trabalhar em empresas (3% contra 30% em vários países do centro da Europa) ou no reduzido número de patentes registadas”.

“O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO É SEMPRE CONTÍNUO, MAS HOJE HÁ DEMASIADO ÊNFASE NAQUILO QUE O SEPARA”

Rodrigo Martins, membro da Comissão de Aconselhamento do Programa Horizonte 2020 da UE para a inovação e investigação nos materiais avançados, concorda que “a investigação deve ser olhada como um processo contínuo”, mas reconhece que aquilo que falta em Portugal é “um melhor diálogo e uma aproximação entre quem pensa e quem executa”.

Ou seja, trata-se “de tornar o sistema científico mais *sexy* para a indústria, para resolver problemas de curto prazo, mas também de médio e longo prazo que possam modificar a linha de desenvolvimento de uma empresa, dando-lhe um pensamento estratégico”. Rodrigo Martins, que é também professor catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (FCT/UNL), fala em dois casos emblemáticos de empresas europeias de alta tecnologia com produtos muito inovadores, mas que acabaram por falhar no mercado mundial: a Quimonda, em Portugal, e a Nokia, na Finlândia.

A Quimonda (ligada à Siemens), que chegou a ser o segundo maior exportador

